

# Considerações sobre a filosofia especulativa de Steven Shaviro

*Considerations About the Speculative Philosophy of Steven Shaviro*

---

## Ádamo da Veiga

Formado em Relações Internacionais pela UFF. Possui Mestrado em Filosofia pela PUC-Rio e, atualmente, realiza Doutorado em Filosofia nessa mesma instituição. É membro do Grupo de Trabalho “Ontologias Contemporâneas” da ANPOF do grupo de estudo “Materialismos”.  
Email: adamo.veiga1@hotmail.com

SHAVIRO, Steven. *The Universe of Things: On Speculative Realism*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2014.

Submetido: 10/06/2018

Aceito em: 08/08/2018

## RESUMO

Na presente resenha, pretende-se expor e debater os principais pontos do livro *O Universo das Coisas: sobre o realismo especulativo* de Steven Shaviro. Nesta, sublinha-se a relação do pensamento de Shaviro com os demais pensadores deste movimento filosófico, frisando a particularidade da sua posição em relação às reflexões de Ray Brassier, Quentin Meillassoux e Graham Harman. Sobretudo, sublinha-se o fato de que, diferentemente dos dois primeiros, Shaviro não enxerga, naquilo que é exterior ao pensamento e cognição humanos, um deserto a-subjetivo e sem vida, mas ao contrário, a partir da sua influente leitura da filosofia de Alfred Whitehead, vê um imenso recife repleto de vida e subjetividades outras que não a humana.

**Palavras-chave:** *Realismo especulativo; Correlacionismo; Whitehead.*

## ABSTRACT

In this review, we intend to show and to debate the main points of Steven Shaviro's book, "The Universe of Things: On Speculative Realism". In this review, we underline the relation between Shaviro's account regarding other speculative realist thinkers, stressing the particularity of his

position in relation to the positions of Ray Brassier, Quentin Meillassoux, and Graham Harman. Mostly, we emphasize the fact that, differently from the two firsts, Shaviro does not take the exteriority of human cognition and thought as a a-subjective and lifeless desert, but, on the contrary, through his influent reading of Alfred Whitehead's philosophy, thinks it as a huge reef, full of life and other subjectivities other than human.

*Keywords: Speculative Realism; Correlationism; Whitehead.*

O livro de Steven Shaviro *The Universe of Things: On Speculative Realism* (2014) figura como uma das obras mais interessantes da recente corrente filosófica denominada *Realismo Especulativo*. O termo, em vigor desde 2007, reúne uma série de diferentes sistemas e reflexões filosóficas, cujos principais nomes, à parte do próprio Shaviro, são Graham Harman, Iain Grant, Ray Brassier e Quentin Meillassoux. Este último, a partir da publicação do seu *Après La Finitude* (Meillassoux, 2006), dá o impulso inicial ao movimento a partir da definição e crítica do que ele denominou *correlacionismo*. Por este termo devemos entender todos os sistemas filosóficos que, desde Berkeley, se basearam em diversas postulações segundo as quais “não temos nunca acesso a nada senão a correlação entre ser e pensar e nunca a um dos termos tomados isoladamente” (Meillassoux 2006, p. 18). Dentro destes sistemas, não seria possível o pensamento de um mundo para além do que é *para nós*, de tal modo que qualquer pensamento genuinamente materialista – definido por Meillassoux como “todo pensamento acedendo a um absoluto que é simultaneamente externo ao pensamento e em si mesmo desprovido de subjetividade” (Meillassoux 2012, p.2) – se veria epistemologicamente interdito por princípio. Ao longo dos últimos três séculos, sobremaneira a partir da crítica kantiana, o correlacionismo teria se tornado dominante, fechando-se a filosofia a toda exterioridade ao pensamento, em um movimento crescente de sepultamento da metafísica cujo auge pode ser observado em muito das filosofias do século passado, de Heidegger à Jaques Derrida. A filosofia, então, se viu privilegiando a *epistemologia* em detrimento da *ontologia*: não podemos conhecer nada além do modo do nosso próprio conhecimento. Junto deste movimento temos um crescente antirrealismo no qual a realidade a-subjetiva, independente do sujeito ou história, se vê colocada totalmente para além da reflexão ou mesmo diretamente negada. Contudo, a emergência de novas problemáticas na contemporaneidade, de forma cada vez mais

contundente, vem requerendo novas opções filosóficas; de fato, como coloca Bryant et al em *Towards a Speculative Realism*:

Diante da crise ecológica, da marcha para a frente da neurociência, da crescente interpretação fragmentária da física básica, e da crescente violação da divisão entre humano e máquina, há um senso crescente de que as prévias filosofias são incapazes de se confrontar com estes eventos (Bryant et al 2011 p.3).

O pensamento, cerrado dentro de si mesmo no que Meillassoux chama de “círculo correlacional”<sup>1</sup> se mostra fraco no trato de tais problemas. No caso da crise ambiental, temos diante de nós a possibilidade da extinção em massa da espécie humana e de várias outras a partir do aporte violento de uma exterioridade radical: “a intrusão de Gaia” (Stengers, 2015) nos revela a insuficiência de um pensamento que subordina o *mundo sem nós* a uma impossibilidade epistemológica. Deste modo, uma série de novos autores começam a “especular novamente sobre a natureza da realidade independentemente do pensamento e da humanidade de modo mais geral” (Bryant et al 2011 p.3). É dentro deste movimento que o pensamento de Steven Shaviro se situa.

A sua originalidade, ao que nos parece, está naquilo que mais fortemente o distingue da filosofia de Meillassoux e, igualmente, da de Ray Brassier, o pensador que lhe é mais próximo<sup>2</sup>. Se estes enxergam na exterioridade anticorrelacional um grande *deserto* – “a pura e simples morte, sem consciência, nem vida, sem qualquer subjetividade que seja” (Meillassoux 2012, p.6), Shaviro, a partir da sua leitura de Whitehead, enxerga, ao contrário, um imenso *recife*, repleto de subjetividades outras e vida que não a meramente humana ou orgânica.

Neste sentido, nos parece que uma das suas contribuições centrais consiste em trazer a problemática da “bifurcação da natureza” de Whitehead (1994) para estas considerações. O conceito remete ao movimento de cisão da natureza entre sua manifestação a nós e o seu ser em si mesmo, a fenda irreduzível entre sujeito e objeto. Esta bifurcação, tipicamente moderna, para Shaviro, manter-se-ia no pensamento especulativo contemporâneo. A dualidade

---

<sup>1</sup> O “círculo correlacional” é o argumento típico do correlacionismo segundo o qual é contraditório afirmar qualquer exterioridade ao pensamento, pois assim procedendo, esta exterioridade mesma já estaria sendo pensada (Meillassoux, 2012).

<sup>2</sup> Essa proximidade é reconhecida pelo próprio Meillassoux em conferência realizada em Berlin em 2012 (Meillassoux 2012, p.7).

cartesiana entre propriedades primeiras e segundas é explicitamente revivida por Meillassoux<sup>3</sup>. Por outro lado, a distinção de Sellars entre imagem manifesta e científica, central na especulação de Ray Brassier (2007), reviveria, segundo Shaviro, a dualidade númeno/fenômeno da crítica de Kant (Shaviro, 2014, p.2).

O pensamento dos dois autores, Brassier e Meillassoux, e seus respectivos anticorrelacionismos se alinhariam ao problema da natureza bifurcada na medida em que esta só nos permite a hipostasia de um polo, subjetivo ou objetivo, enquanto opção filosófica. Por um lado, no pensamento continental fenomenológico e desconstrutivista (o principal adversário correlacionista do realismo especulativo) teríamos a hipostasia do polo subjetivo através da orientação analítica à manifestação fenomênica, à cultura, à linguagem, etc. No segundo caso, o polo objetivista seria hipostasiado pelas formas contemporâneas de eliminativismo (segundo as quais, a subjetividade, a mente seriam um mero epifenômeno material) e reducionismo científico. Para Shaviro, tanto Brassier quanto Meillassoux se inseririam neste segundo polo. O primeiro subscreve o eliminativismo através da escolha nítida da imagem científica de Sellars em detrimento da manifesta, escolha esta associada a um nihilismo militante que reduz toda subjetividade ou sentido a uma mera ilusão. O segundo postula que a matemática nos permite uma “intuição intelectual do absoluto” desse modo reduzindo o real ao matematizável. Em ambos os casos, o correlacionismo ainda se insinuaria na medida em que a bifurcação da natureza se mantém<sup>4</sup>.

A partir dessa questão inicial, Shaviro prossegue em sua releitura da metafísica especulativa de Alfred North Whitehead de forma a, por fim, concluir por um pensamento não correlacional sem remeter à bifurcação da natureza. O nome de Whitehead figurou pouco dentre as obras dos grandes pensadores da contemporaneidade, sendo Gilles Deleuze uma notória exceção. Em um momento em que a filosofia rumava em direção à radicalização correlacional – sobretudo, a partir da fenomenologia – Whitehead criava um sistema metafísico especulativo definido pelo próprio como “o esforço de enquadrar um sistema coerente, lógico e

---

<sup>3</sup> Para Meillassoux, o correlacionismo destituiria as qualidades primárias em detrimento das secundárias sendo as primeiras acessíveis ao pensamento através da matemática (Meillassoux, 2006).

<sup>4</sup> Shaviro, no entanto, diz-nos que a “bifurcação da natureza” e o correlacionismo não são a mesma coisa, por mais que bastante próximos; a primeira levaria a necessidade do segundo na medida em que “apenas quando a nossa experiência foi cindida em duas partes que nós poderíamos pensar na necessidade de uma estrutura correlacional para colocá-las juntas novamente” (Shaviro 2014, p. 65). Deste modo, a solução do problema do correlacionismo requer primeiramente a superação da natureza bifurcada.

necessário de ideias gerais no qual cada elemento da nossa experiência pode ser interpretado” (Whitehead 1969, p.5).

Para Whitehead, segundo a interpretação de Shaviro, o universo compõe-se de “ocasiões atuais” entendidas como “gotas de experiência”. O termo experiência aqui remete a um índice de imediaticidade ontológica; de forma próxima ao empirismo radical de William James (1912), o empirismo, antes subjetivista, torna-se cosmológico em um movimento no qual a experiência, tal como manifesta ao sujeito enquanto dado imediato, apreensão primeira do seu próprio ser, opera como índice do ser em si mesmo independente deste: “para Whitehead, a experiência é o ser, o que uma entidade sente é o que ela é” (Shaviro 2014, p. 56). Se nosso contato inicial como o nosso próprio ser é através da experiência, esta serve de base especulativa para uma metafísica de tal modo que podemos afirmar que “cada entidade do mundo tem seu próprio ponto de vista, assim como eu tenho e que cada uma delas de alguma forma sente (*feels*) outras entidades no qual entra em contato, assim como eu faço” (Shaviro, 2014, p.61). A experiência, neste sentido, é anterior a dualidade entre sujeito e objeto na medida em que estes se constituem a partir dela em um *processo*. A noção de processo vem substituir a noção clássica de substância de forma a explorar “maneiras de ser antes de estados de ser, ‘modos de pensamento’ antes de essências do pensamento, interações contingentes antes de substâncias imutáveis” (Shaviro, 2014, p.18). Não há essência ou substância, mas apenas *maneiras de ser* através das quais as ocasiões atuais se constituem e perecem. Temos o processo, o devir, no lugar da imutabilidade ontológica característica da metafísica tradicional.

Essa processualidade, no que tange a cada ocasião atual, possui, segundo Shaviro, um duplo vetor: a “autofruição (*self-enjoyment*)” e a “preocupação (*concern*)”. O primeiro vetor expressa o movimento através do qual todos os entes persistem em si mesmo em um processo imanente de determinação. O segundo, por sua vez, remete à abertura destes às demais ocasiões atuais, o vetor centrífugo pelo qual essas saem de si mesmas através da sua mútua afecção e relação com todas as demais de diferentes modos e graus. Cada ocasião atual tem, na sua própria autofruição, a sua individuação enquanto processo autoconstitutivo; no entanto, este mesmo processo só se realiza a partir do mundo atual, onde essa afeta e é afetada pelas demais entidades. Um duplo movimento de persistência em si mesmo e devir a partir da relação com o Outro. Neste sentido, Shaviro propõe uma interessante crítica — ou translação —

à Levinas. Para o filósofo, a intrusão do Outro enquanto transcendência violenta e destrutiva prioriza a “preocupação” – a tendência centrípeta em direção à exterioridade – de forma unilateral, enquanto, para Whitehead, segundo Shaviro, a abertura de uma entidade atual à alteridade e a sua própria autofruição não constituem uma oposição, mas dois aspectos constitutivos da mesma (Shaviro 2014, p.23). O remetimento de Shaviro a Levinas se justifica pela importância deste filósofo no pensamento ético do último século. Shaviro, por sua vez, procura a partir desta mesma crítica, junto de outras considerações, elevar a *estética* sobre a ética, o que veremos mais adiante.

A linha que Shaviro segue na atualização destas considerações whiteheadianas ao problema do “realismo especulativo” se aproxima mais de Graham Harman do que Meillassoux e Brassier. A sua oposição em relação a Harman é descrita, não em termos de antagonismo ou oposição, mas antes como uma mudança de foco e estilo (Shaviro 2014, p.41). Harman é o principal nome da *ontologia orientada a objetos* (*objected oriented ontology*). O filósofo postula uma realidade de objetos enquanto pluralidade de substâncias distintas; cada objeto é um em si exterior às relações (ou correlações) que estabelece com outros seres. A distinção kantiana entre fenômeno e númeno é expandida a todas as coisas: cada objeto é, ao mesmo tempo “objeto real”, numênico, dotado de uma inapreensível e inesgotável interioridade, e “objeto sensual”, fenomênico em relação aos demais (Harman, 2007). Não há relação entre dois objetos reais, mas antes estes se relacionam apenas através de um movimento de substituição ou procuração que Harman chama de “causalidade vicária”: “vicário significa que um objeto só confronta o outro através de uma procuração, através de perfis sensuais existentes apenas no interior de uma outra entidade” (Harman 2007, p. 200). Apenas através de uma *intencionalidade* fenomenológica determinado objeto pode ser apreendido, sendo esta apreensão exterior ao objeto real; quando contemplo um objeto, nós dois estamos contidos em uma mesma intencionalidade que *substitui* qualquer interação real – por isso mesmo, dada como impossível. Apenas objetos sensuais interagem no seio de uma intenção e não os objetos reais. Deste modo, Shaviro afirma que “para Harman, a situação geral do mundo é a de objetos isolados no seu vácuo” (Shaviro 2014, p.33).

Assim, para Harman, os objetos então apenas *aludem* uns aos outros. A alusão é próxima de um movimento de *encantamento* (*allure*), que se mostra bastante relevante para Shaviro;

cada objeto, na sua irredutível individualidade, atrainos em direção às suas profundezas inesgotáveis para além da nossa capacidade de descrever ou sumarizar suas qualidades e atributos essenciais: “no evento de encantamento eu encontro o *ser mesmo* de uma coisa, para além de toda definição e correlação. Eu sou forçado a reconhecer a sua integridade, totalmente a parte de mim” (Shaviro 2014, p.53). Através do encantamento, o objeto escapa a nossa definição, irrompendo em sua independência em relação a nossa capacidade de pensá-lo. Por outro lado, temos a *metamorfose*, em contraste com o encantamento. Se no primeiro a coisa me atrai em direção a sua independência anticorrelacional, a metamorfose figura como um devir rebelde no qual as qualidades do objeto se movem de forma instável de modo a fazer com que “a teia de sentidos seja multiplicada e estendida, ecoada, distorcida e propagada ao infinito na medida em que as coisas perdem-se a si mesmas nos seus próprios traços ramificados” (Shaviro, 2014 p.54). No encantamento, temos uma atração em direção as profundezas substanciais; na metamorfose, temos um ímpeto centrífugo que desloca os objetos de sua estabilidade em direção a uma teia de relações. Este duplo movimento de afecção entre os objetos (por mais que apenas na sua feição sensual ou vicária) leva Harman a situar a estética no centro da ontologia, tese subscrita e mesmo radicalizada por Shaviro. Pois, a estética é justamente sobre “a *singularidade e complementaridade das coisas*; ela se relaciona as coisas na medida em que estas não podem ser cognitizadas (*cognized*) ou subordinada a conceitos [...]” (Shaviro 2014, p.53).

Shaviro associa estes dois movimentos, encantamento e metamorfose, ao que Whitehead chama de “atração sensível (*lure for feeling*)”. Esta atração é “qualquer coisa que, de algum modo, trabalha para capturar a minha atenção. Ela pode me aliciar, me incitar, ou me seduzir, [...] ou mesmo me espancar ou humilhar. Mas em todo caso, ela se endereça a mim do além” (Shaviro 2014, p.54). A atração sensível remete a uma afetividade ou a uma sentiência primordial enquanto interação e modo de relação entre os entes. O movimento de “autofruição” e de “preocupação” expressam este duplo movimento, autoafecção – retroação do objeto para sua interioridade além da correlação –, e metamorfose – direção vetorial em relação aos demais.

Mesmo que próximos, sobretudo na prioridade da estética, Shaviro se afasta de Harman no que tange a questão do isolamento dos objetos e da necessidade da intervenção intencional



para a sua interação substitutiva ou vicária. Para Shaviro, a partir de Whitehead, o modo de interação entre os objetos é um tipo de pensamento não intencional ou cognitivo. A afetividade é primária em relação a cognição. Os objetos, para Shaviro, se encontram e se tocam sem mediação, se não a afectiva, por mais que as suas mútuas prehensões<sup>5</sup> nunca os esgotem uns nos outros. Posso sentir e ser afetado por um Outro ou mesmo por um estado interior sem ter dele conhecimento ou intencionalidade alguma. Assim, para Shaviro, Harman confundiria o recuo epistemológico de um objeto em relação ao outro com uma fissão ontológica absoluta: “o fato de cada objeto poder recuar epistemologicamente de cada dos outros não significa que os objetos estão barricados atrás de *firewalls*, separados uns dos outros ontológica e esteticamente” (Shaviro 2014, p.137). Essa interação estética e afectiva é real, por mais que a relação epistemológica não seja nunca plena. Este modo de interação casual entre os entes, independente de qualquer relação epistemológica, é o cerne da reflexão anticorrelacional de Shaviro e sua própria filosofia realista.

A partir deste primado da afecção, Shaviro estrutura sua própria metafísica whiteheadiana a partir três pontos centrais: antropomorfismo, vitalismo e pampsiquismo. O antropomorfismo figura como uma solução interessante em relação ao problema do antropocentrismo. De forma próxima a argumentação de Danowski e Viveiros de Castro (2014), Shaviro argumenta, a partir de Whitehead, que o antropocentrismo pode ser suprimido na medida em que as categorias da experiência humana se revelam em todos os entes: “para Whitehead, assim como para a ontologia orientada a objetos, percepções, sensações e a estética, são estruturas universais, não apenas especificamente humanas” (Shaviro 2014, p.61) Se tal tipo de procedimento especulativo é pejorativamente chamado por Meillassoux (2012) de subjetalismo, isso não quer dizer que ele não ofereça melhor alternativa do que o materialismo morto do mesmo, que, como vimos, ainda está preso aos preconceitos propriamente antropocêntricos da natureza bifurcada<sup>6</sup>. Ao expandir a humanidade a todos os entes, ao ver na nossa exterioridade agência tal como a nossa, não estaríamos impondo a forma humana ao resto do universo, mas antes deslocando o humano da sua centralidade. É esse o procedimento de Whitehead na medida em que este toma a experiência como dado ontológico

<sup>5</sup> Prehensão é uma “percepção ativa” ou afecção mútua entre entidades atuais (Shaviro, 2014, p.38).

<sup>6</sup> Nas palavras de Shaviro: “Nós perpetuamos o antropocentrismo em uma forma invertida quando tomamos como certo que um mundo sem nós, um mundo no qual *os nosso próprios valores* foram subtraídos, é, por sua vez, um mundo totalmente desprovido de valores” (Shaviro 2014, p.91).



primário para uma metafísica. Não é como se Shaviro dissesse que o homem é a medida de todas as coisas, mas antes que *o homem é uma medida (ou centro de valor) entre todas as coisas*.

O vitalismo decorre desse primeiro ponto. Se tudo sente e age, nos vemos diante da existência de uma realidade viva para além da cognição humana; a realidade não só não se reduz às suas formas de manifestação fenomênica, mas, diferentemente da matéria morta de Brassier e de Meillassoux, ela não é um nada de pura indiferença e inação, mas é preche de outras formas de existência e agência que não a nossa. Todos os seres se afetam mutuamente, o que interdita supor uma inércia absoluta para além da agência humana: “se todas as entidades possuem sensações e exercem agência, isto significa que todas elas – pelo menos até certo ponto – são vitais, ativas e criativas” (Shaviro 2014, p.62). A dualidade entre matéria ativa e passiva figura, então, como apenas um preconceito da tradição ocidental, enfraquecido por avanços recentes da ciência que demonstram, por exemplo, no interior dos átomos, campos de força em interação.

O terceiro aspecto, aquele que nos parece mais relevante, é o pampsiquismo ou pamexperimentalismo. Com efeito, este, se relegado durante séculos ao lixo da história, tomado apenas como animismo primitivo sem real valor filosófico, tem retornado com força, não só no trabalho de Shaviro, mas também no de diversos outros autores, sobretudo David Skrbina (2005), Galen Strawson (2006) e, no Brasil, Eduardo Viveiros de Castro e Deborah Danowski (2014). A partir da crítica lógica de Strawson ao eliminativismo, estruturada sobre a impossibilidade de emergência do pensamento a partir de uma substância que lhe é estranha – a matéria na dualidade moderna cartesiana – Shaviro argumenta que apenas o pensamento (ou a experiência) tomado como propriedade universal pode nos oferece uma saída ao correlacionismo. Cada ocasião atual sente, afeta e é afetada, o que constitui uma forma de sentiência ou pensamento anterior a cognição e linguagem. O pensamento não é um evento excepcional perturbando a calma morta de uma natureza inerte, mas a matéria ela mesma. Nas palavras do autor:

Em oposição ao idealismo, ao dualismo cartesiano, e ao eliminativismo fisicalista, o pampsiquismo sustenta que o pensamento não é nem meramente epifenomenal em algo que exista em um reino separado do mundo material. Antes, a mente é uma propriedade fundamental da matéria ela mesma (Shaviro 2014, p.86).

Naturalmente, afirmar que todo ente natural possui uma mente ou uma forma de experiência torna necessário distanciá-los da linguagem ou da consciência. Nossos estados afetivos não se reduzem a nossa consciência ou cognição dos mesmos: posso sentir sem saber que sinto. O conhecimento não é a forma primordial de acesso ao mundo; antes é a sensação e a experiência que dão luz ao conhecimento e consciência e não o contrário. Não precisamos, ao modo kantiano, do conceito para organizar a intuição. Não há mais aqui a mútua dependência de um e outro, dado que a intuição empírica vem primeiro em sua autossuficiência. Antes de pensar, sentimos: “tudo que sabemos do mundo e tudo que de fato experimentamos é dependente da condição a priori de que sejamos capazes de *termos experiências* em primeiro lugar” (Shaviro 2014, p.98). Deste modo, nada impede que seres desprovido de linguagem conceitual possam de fato experimentar; a mudez de uma pedra não a amputa da sua experiência de si.

Por fim, na esteira dessas considerações, Shaviro retorna a Kant, o grande patriarca do correlacionismo, para, a partir da sua terceira crítica, afirmar o primado da *estética* sobre a cognição. Na *Crítica da Razão Pura*, Kant subordina toda experiência sensível a ação legisladora do entendimento de modo afirmar que “pensamentos sem conteúdo são vazios; intuições sem conceitos são cegas” (Kant 2001, p.115 B75/A51). Temos nessa fórmula o correlacionismo em sua nítida feição: a mútua dependência entre a experiência, a intuição sensível, e o pensamento conceitual. No entanto, na *Crítica da Faculdade de Julgar* (2016), na qual Kant se debruça sobre o problema da arte, do belo e do sublime, uma intuição sem conceito se torna possível. O belo nos toca sem que dele tenhamos conceito: “o belo envolve um imediato excesso de sensação: algo que estimula o pensamento nas não pode ser contido nele ou categorizado por ele, muito menos colocado na linguagem” (Shaviro 2014, p. 154). Deste modo, a experiência estética kantiana, na leitura de Shaviro, ultrapassa o pensamento, deslocando o sujeito de seu primado transcendental; ela é imanente, não requerendo o pensamento como forma distributiva, sustentando-se em si mesma na sua imediaticidade intuitiva. Se Whitehead pretendia fazer ao seu modo uma “Crítica da Sensação Pura (*Critique of pure Feeling*)”, tal projeto orienta o cerne da leitura de Shaviro de tal modo que temos, por fim, uma estética ontológica capaz de responder ao problema da exterioridade ao pensamento sem soterrar essa mesma exterioridade sob as areias de um deserto sem vida. O mundo para Shaviro, sente, age e vive.

## Referências bibliográficas

- BRAVER, Lee. *A thing of this world: history of continental anti-realism*. Evanston: Northwestern University Press, 2007.
- BRYANT, Levi, et al. "Towards a Speculative Philosophy." In: *The Speculative Turn*. 2011. Disponível em: [www.re-press.org](http://www.re-press.org). Acesso em : 05/06/2018
- BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound :Enlightment and Extinction*. Hampshire : Palgrave Macmillan, 2007.
- DANOWSKI, Déborah. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Instituto Sócioambiental, 2014
- HARMAN, Graham. "On Vicarious Causation." In: *Collapse II*. Oxford, Urbanomic, 2007, p. 187-220.
- JAMES, William. *Essays on Radical Empirism*. Nova Iorque: Longmans, Greens and Co, 1912.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad. de Manuel Pintos dos Santos e Alexandre Mourão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1781/1787] 2001.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da Faculdade de Julgar*. Trad. de Fernando Costa Matos. Petrópolis: Editora Vozes, [1790] 2016.
- MEILLASSOUX, Quentin. *Après la Finitude: Essai sur la nécessité de la contingence*. Paris: Éditions du seuil, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Iteration, Reiteration, Repetition: An Speculative Analysis of the Meaningless Sign*. Freie Universität, Berlin: 2012
- SHAVIRO, Steven. *The Universe of things: On speculative realism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.
- SKRBINA, David. *Pampsychism in the West*. Londres: MIT Press, 2005.
- STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. Trad. de Eloísa Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- STRAWSON, Galen. "Realist Monism; why Physicalism entails Pampsychism". In: *Journal of Consciousness Studies*, 13, No. 10-11, 2006, pp. 3-31
- WHITEHEAD, Alfred North. *Process and Reality: an essay in cosmology*. Nova Iorque: The Free Press, 1969.

\_\_\_\_\_. *O Conceito de Natureza*. Trad. Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1994.